

A PIOR IMPRENSA NÃO É A QUE SONEGA A VERDADE

O Sr. **JESUALDO CAVALCANTI** (PFL-PI) – Sr. Presidente, Srs. Constituintes, a pior imprensa não é por certo a que sonega a verdade, mas aquela que tenta fabricá-la. É o que fez o **Jornal do Brasil** ao publicar matéria, em sua edição de 2 do corrente, na qual buscou inutilmente envolver o meu modesto nome em suposta transação para votar os cinco anos de mandato para o Presidente José Sarney.

Logo eu, que sempre defendi publicamente esse período de mandato, embora discordando da orientação do meu partido em incontáveis outras questões polêmicas sob exame dentro e fora da Constituinte...

Custa crer que esse jornal, outrora tão conceituado, venha se convertendo, para desgosto de seus milhares de leitores, inclusive do orador, que o lê há trinta anos, em forte candidato ao clube da chamada “imprensa marrom”.

Não pretendo dar resposta às sandices que o **Jornal do Brasil** publicou. Mas não posso deixar de alertar à Nação para os objetivos, nem sempre declarados, dessa onda orquestrada de denúncias irresponsáveis. Sob a capa de um falso moralismo, escondem-se, no entanto, evidentes objetivos políticos: frustrar a Constituinte por via da desmoralização pública do poder civil.

De fato, que poderia mover o poderoso **Jornal do Brasil** ao tentar atingir um Deputado de irrepreensível conduta moral e conhecida independência política, senão o propósito deliberado de alcançar o poder a que pertence?

Acusando indistintamente todos os políticos, expondo-os, bons e maus, à execração pública, nivelando-os por baixo, não será mais fácil “provar” que todos os políticos são iguais na corrupção e que políticos corruptos não podem elaborar boas leis?

Pergunto, ainda: frustrada a Constituinte por suspeição, não estará cimentado o caminho para o retorno ao passado recente, quando se elaboravam “constituições” no silêncio das madrugadas, sob a batuta de um datilógrafo, um general e um jurista de plantão?

Para saber a quem interessa essa ignomínia, basta saber a quem incomodam as decisões corajosas da Constituinte, sobretudo no tocante aos avanços sociais e políticos, tabelamento de juros, proibição dos contratos de riscos, nacionalização dos minérios e proteção à empresa nacional.

E, por sinal, e não por simples coincidência, votei a favor de todas essas medidas.

Em verdade, elas estão incomodando as multinacionais e seus aliados internos. Não é sem razão que, em coro, trombeteiam contra a perspectiva, desenhada no texto já aprovado, de estabelecermos uma verdadeira democracia em nosso País e uma política soberana de desenvolvimento nacional.

Inconformados, por não terem direcionado e controlado, como pretendiam, os trabalhos da Constituinte, a esses grupos já não interessam nem Constituição nem democracia. E para que não as haja, que não haja Constituinte. Daí a campanha sistemática de que o Jornal do Brasil, traindo o seu passado, se faz cúmplice, arauto e serviçal.

Infelizmente.

Muito obrigado.

(Discurso do Dep. Jesualdo Cavalcanti na Assembléia Nacional Constituinte, em 11.06.88)